

**Pesquisa revela que indústria lucraria se investisse mais em estudos sobre as preferências do consumidor**

# Tese mostra que análise sensorial incrementaria produção de iogurte

ANTONIO ROBERTO FAVA

fava@unicamp.br

Nos últimos 20 anos, a fabricação de iogurte no Brasil cresceu de maneira bastante considerável e hoje já se verifica um crescimento notável quando comparado à produção de outros países. Essa ampliação de mercado e consumo deu-se, em parte, graças ao que pesquisadores da área de alimentos chamam de aromatização, isto é, a colocação de sabores no produto. No entanto, o iogurte poderia ter melhor aceitação no mercado interno (e por consequência maior expansão de mercado e faturamento)

**Pesquisa envolveu grupo de cem pessoas**

se os seus fabricantes investissem mais no que se refere às pesquisas de análise sensorial do alimento, de modo a torná-lo um produto mais condizente com o gosto e paladar do consumidor.

A conclusão é da pesquisadora Patrícia Carla Trevizan Moraes, que acaba de apresentar dissertação de mestrado junto à Faculdade de Engenharia de Alimentos (FEA) sobre *Avaliação de iogurtes líquidos comerciais sabor morango: estudo de consumidor e perfil sensorial*, sob orientação da professora Helena Maria André Bolini.

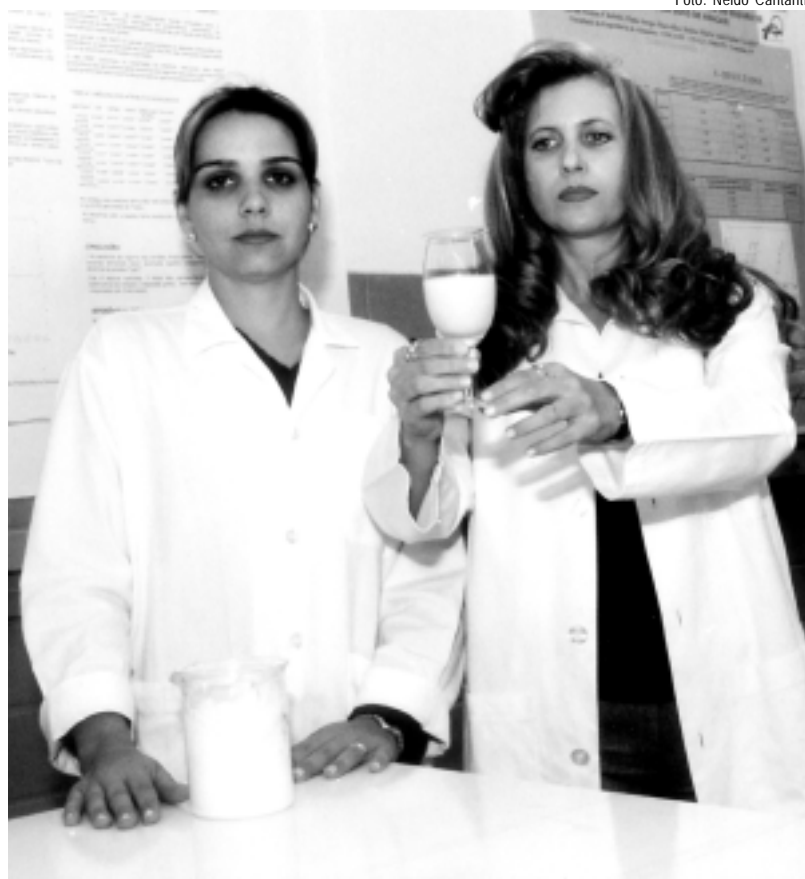
A pesquisa de Patrícia, desenvolvida no Laboratório de Análise Sensorial do Departamento de Alimentos e Nutrição (Depan) da FEA, levou dois anos para ser concluída, e foi realizada com a participação de um grupo de cem pessoas, com idade entre 18 e 45 anos, representando o universo de consumidores de iogurte para testes de aceitação ou não do produto. Simultaneamente, doze pessoas formaram uma equipe selecionada e treinada para descrever o perfil sensorial do produto – no caso o iogurte de morango, sabor escolhido por ser o mais consumido no mercado interno, avaliando, qualitativa e quantitativamente, os termos que descrevem os produtos em relação à aparência, aroma, sabor, textura e impressão global do produto. Esse estudo, só para a efetivação da parte descritiva para traçar o perfil sensorial, desenvolveu-se num período de seis meses.

**Aceitação** – Durante as pesquisas foram avaliadas oito amostras de quatro marcas de iogurte sabor morango, dispostas no mercado, nas versões tradicional (adoçada com sacarose) e *light* (adoçada com edulcorante). Os resultados obtidos, segundo Patrícia, mostraram que as amostras apresentaram diferença significativa entre as versões em alguns atributos avaliados.

“Verifiquei que as amostras adoçadas com sacarose foram as mais aceitas pelos consumidores quando comparadas com a versão *light*, adoçada com edulcorante. Entretanto, uma das amostras na versão *light* ficou bem próxima da versão tradicional. Concluí que se tratava de uma amostra proveniente de uma indústria que investe mais em pesquisas na área de análise sensorial”, explica Patrícia.

Ela salienta, no entanto, que existem poucos estudos no Brasil com o propósito de avaliar o comportamento sensorial de edulcorantes comparados à sacarose em produtos industrializados. Para a pesquisadora, existem, no Brasil, poucos estudos destinados à avaliação do comportamento sensorial de edulcorantes comparados à sacarose em produtos industrializados.

Os produtos poderiam ser melhorados, e por consequência obter maior aceitação e consumo, se as empresas fabricantes investissem



A pesquisadora Patrícia Carla Trevizan Moraes (à esquerda), autora da dissertação, com a professora Helena Maria André Bolini: oito amostras avaliadas

Foto: Neldo Cantanti

mais em pesquisas de análise sensorial para adequar o edulcorante ao produto, verificando quais os ingredientes poderiam substituir a qualidade que a sacarose confere ao produto como, por exemplo, corpo e viscosidade.

“Não adianta um produto ser nutricional e tecnologicamente perfeito se a qualidade sensorial dele não atender às expectativas do consumidor. Se o produto não tiver um sabor agradável, que o consumidor deseja comprar, com o tempo dificilmente o fabricante vai continuar a fabricar o produto com as mesmas características”, ressalta Helena

Maria.

Por outro lado, nos últimos anos o Brasil tem-se revelado um grande produtor de iogurte, porque há, no país, vários produtores de leite diversos laticínios que investem pesado no produto, “embora ainda faltem pesquisas que investiguem a qualidade do produto. Principalmente no que relaciona às suas características fundamentais que, por consequência, deverão torná-lo um produto mais agradável ao consumidor que, certamente, passaria a comprar mais iogurte, colaborando para a economia do país”, revela Patrícia.

## Consumo ainda é baixo

De acordo com Patrícia, apesar da explosão das vendas, “ainda falta muito para que os brasileiros se igualem aos europeus no consumo per capita de iogurte. Na França, por exemplo, o consumo per capita do produto é de 19kg por ano, Uruguai e Argentina 7kg ao ano, enquanto que no Brasil o consumo é de 3kg por ano”. Vale ressaltar que a produção brasileira gera em torno de 400 mil toneladas por ano, representando 76% do total de produtos lácteos. Se forem considerados os micro-fabricantes regionais, a produção passa de 500 mil toneladas por

ano, uma vez que no Brasil há mais de 200 fabricantes com esse perfil. Dessa forma, garante a pesquisadora, o Brasil se transforma no sexto maior mercado alimentício nacional, movimentando cerca de R\$ 1,3 bilhão ao ano. E mais: no Brasil existe uma forte concentração no sabor morango, que representa de 70% a 80% do volume produzido no país.

“É hábito do consumidor brasileiro optar pela cor e pelo glamour do morango. As crianças e adolescentes são responsáveis por 80% do consumo interno”, avalia a pesquisadora.

## Unicamp promove atividades no Dia Mundial sem Tabaco

MANUEL ALVES FILHO

manuel@reitoria.unicamp.br

A Unicamp promoverá, no próximo dia 31 de maio, uma série de atividades para marcar o Dia Mundial sem Tabaco, data instituída em 1987 pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Serão realizadas palestras e distribuídos materiais informativos às comunidades interna e externa. O objetivo da ação, conforme um dos coordenadores do Programa de Prevenção ao Uso de Substâncias Psicoativas Lícitas e Ilícitas (Viva Mais) da Universidade, o médico Elson Silva Lima, é alertar as pessoas para os malefícios que o cigarro causa à saúde. De acordo com dados do Ministério da Saúde, cerca de 200 mil brasileiros morrem anualmente por causa de doenças associadas ao uso do tabaco (problemas cardiovasculares e cânceres). No mundo, esse número salta para cerca de 3 milhões de mortes.

Abandonar o cigarro, segundo Elson Lima, é antes de tudo uma decisão pessoal. Ele lembra, porém, que o vício causado pelo tabaco é uma doença, que precisa ser entendida e tratada como tal. “A pessoa que não consegue superar a dependência por si só não deve ser classificada como alguém que não tem força de vontade. Na verdade, ela está doente e precisa de ajuda”, explica. O coordenador do Viva Mais afirma que as campanhas e programas de combate ao tabagismo têm surtido bons resultados ao longo das últimas décadas. Nos anos 60, entre 65% e 70% da população adulta do Estado de São Paulo (acima de 15 anos) era fumante. Atualmente, esse contingente caiu para 28%.

Ainda assim, destaca o médico, trata-se de um número expressivo, dado os problemas provocados pelo vício. Cálculos da OMS indicam que os países destinam anualmente entre 2,5% e 5% do PIB ao trata-

mento de doenças associadas ao uso de substâncias psicoativas lícitas (álcool e tabaco) e ilícitas (maconha, cocaína etc). No Brasil, esse índice corresponde a algo como R\$ 50 bilhões. “Isso sem considerarmos os custos sociais indiretos, como a desagregação de famílias e a ampliação da violência”, acrescenta Elson Lima. Em 2002, o Ministério da Saúde concebeu um programa nacional para o tratamento da dependência do tabaco.

Até hoje, entretanto, a medida não saiu do papel. “Ainda estamos esperando a prometida distribuição de remédios”, lamenta o médico. Embora tenha ressaltado a importância da decisão pessoal, as ações governamentais são fundamentais para o sucesso da cruzada antitabagista, no entender do especialista. A Unicamp, instituição pública consciente da sua responsabilidade social, mantém-se extremamente ativa nessa área, segundo ele. O programa Viva Mais, por exemplo, procura promover uma nova cultura em relação ao uso de substâncias psicoativas nos campi da Universidade. Para isso, promove uma série de atividades para orientar alunos, servidores e docentes.

### Programação

**Palestra:** “Ambiente livre do tabaco: como dialogar”

**Horário:** 9h

**Local:** Auditório da DGA

**Palestrante:** Elson Silva Lima, um dos coordenadores do programa Viva Mais

**Palestra:** “Dependência do tabaco, seus riscos e tratamentos”

**Horário:** 11h30

**Local:** Anfiteatro do HC, no 3º andar

**Palestrante:** Renata C. Soares de Azevedo, uma das coordenadoras do Viva Mais

**Outras atividades:** Distribuição de folhetos explicativos e demonstração de como o tabaco age no organismo, com o auxílio de um boneco.



O médico Elson Silva Lima, coordenador do Programa Viva Mais: campanhas têm surtido efeito

Foto: Antoninho Perri

Atualmente, o Viva Mais tem se empenhado em estimular a criação de áreas livres do tabaco nas unidades e órgãos da instituição. Elson Lima afirma que a ação não tem um caráter de enfrentamento. “É antes de tudo uma concepção ética. Nós orientamos e os próprios membros da comunidade, fumantes e não-fumantes, estabelecem os mecanismos que consideram adequados à garantia da qualidade de vida da coletividade”, esclarece. Além disso, a Unicamp também mantém dois programas voltados ao tratamento dos dependentes do fumo. Professores, alunos e funcionários da Universidade podem recorrer ao Centro de Saúde da Comunidade (Cecom).

Já a comunidade externa conta com os serviços do Ambulatório de Substâncias Psicoativas (Aspa), que funciona junto ao Hospital de Clínicas (HC). Durante o tratamento, a pessoa participa inicialmente de um grupo motivacional, que se encontra

semanalmente. Depois, passa por uma triagem e é submetida a uma avaliação clínica, por meio da qual é estabelecido o seu grau de dependência. Muitos casos exigem o uso de medicamentos antidepressivos, para que sejam superados os sintomas clássicos da abstinência, como insônia, tremores, nervosismo etc. Também são utilizados adesivos e gomas de nicotina.

Ao cabo de seis semanas sem o consumo do tabaco, o paciente entra para um grupo de acompanhamento, que se reúne mensalmente, por um ano. “Após o segundo ano de abstinência, nós consideramos que a pessoa está segura em relação à superação da dependência”, explica Elson Lima. De acordo com ele, o índice de sucesso do tratamento atinge 70%, ou seja, apenas três de cada dez pessoas que procuram ajuda têm recaída. Outras informações podem ser obtidas no site do programa Viva mais, no endereço <http://www.prdu.unicamp.br/vivamais>.